

PADRÃO PRELIMINAR DE RESPOSTA

PROVA ESCRITA

CERTAME	Concurso Público de Provas e Títulos para Professor de Ensino Superior
EDITAL	Edital nº 001/2026
CARGO / CURSO	Professor Titular do Ensino Superior: Letras, Teoria Literária / Literatura Portuguesa / Literatura Brasileira
TEMA	3. Literatura Portuguesa: Tradição e Contemporaneidade

QUESTÃO DISCURSIVA

A literatura portuguesa apresenta uma trajetória marcada pelo diálogo entre tradição e renovação estética, refletindo as transformações históricas, sociais e culturais ocorridas em Portugal ao longo dos séculos. Do legado das formas e temas tradicionais às experiências literárias contemporâneas, diferentes autores e movimentos contribuíram para a construção e a constante resignificação da identidade literária portuguesa. Considerando a trajetória da literatura portuguesa, como o diálogo entre tradição e contemporaneidade se manifesta nas diferentes escolas, movimentos e produções literárias, e de que maneira as transformações históricas, sociais e culturais de Portugal influenciaram a renovação de temas, formas e perspectivas na literatura portuguesa? A resposta deverá fundamentar-se em conhecimentos teóricos e historiográficos pertinentes aos estudos literários, contemplando, quando cabível, autores, obras, períodos e movimentos literários que contribuam para a análise proposta.

PADRÃO PRELIMINAR DE RESPOSTA

A literatura portuguesa caracteriza-se por um movimento contínuo de conservação, reelaboração e ruptura. A tradição não constitui um repertório estático, mas um conjunto de formas, temas, mitos e procedimentos que cada época retoma segundo novas condições históricas e estéticas. António José Saraiva e Óscar Lopes, em sua leitura historiográfica da literatura portuguesa, evidenciam a relação estreita entre produção literária e transformação social; Carlos Reis destaca a historicidade dos sistemas literários e das convenções de representação; Eduardo Lourenço, por sua vez, examina criticamente os modos pelos quais a literatura participa da construção simbólica da identidade portuguesa. Esse quadro permite compreender a contemporaneidade como atualização crítica de heranças anteriores.

Na Idade Média, as cantigas de amigo, de amor, de escárnio e de maldizer consolidam uma tradição lírica ligada à oralidade, à música e às convenções do trovadorismo galego-português. Nelas, formas fixas, paralelismos, refrões e vozes poéticas estruturam temas amorosos e sociais. A prosa medieval, as crônicas e as narrativas de cavalaria também contribuem para a formação da memória cultural portuguesa. Essa tradição permanece relevante porque motivos, imagens e procedimentos medievais são retomados posteriormente por autores que reinterpretem o passado nacional, demonstrando que a inovação literária frequentemente se realiza pelo diálogo com formas herdadas.

O Humanismo e o Renascimento ampliam esse processo. Gil Vicente articula elementos populares e cortesãos em um teatro de forte dimensão crítica, enquanto Luís de Camões leva a tradição clássica a uma síntese singular em *Os Lusíadas* e na poesia lírica. A epopeia camoniana incorpora modelos greco-latinos e, simultaneamente, representa a expansão marítima portuguesa, seus ideais e suas contradições. O contexto das navegações, do império ultramarino e do encontro com outros povos transforma o horizonte temático da literatura. A tradição clássica, portanto, não é mera imitação, mas instrumento para interpretar uma experiência histórica específica e produzir uma imagem complexa da nação.

Nos séculos seguintes, Barroco e Neoclassicismo revelam novas tensões entre continuidade e mudança. A retórica barroca, marcada por contraste, instabilidade e elaboração verbal, corresponde a um período de conflitos religiosos, políticos e identitários. Já o Arcadismo procura restaurar equilíbrio, clareza e modelos clássicos. Em Bocage, porém, a disciplina neoclássica convive com intensidade subjetiva e crítica, antecipando sensibilidades que seriam aprofundadas pelo Romantismo. A sucessão de estilos não deve ser entendida como simples substituição mecânica, pois as obras frequentemente preservam elementos de períodos anteriores e os reorganizam em novas configurações.

O Romantismo português, associado às transformações liberais do século XIX, assume papel decisivo na reconstrução da memória histórica e da identidade nacional. Almeida Garrett recupera tradições, lendas, paisagens e episódios do passado, ao mesmo tempo que moderniza gêneros e linguagem. Alexandre

Herculano também mobiliza a história como matéria literária, contribuindo para a valorização do medievo português. A literatura romântica articula subjetividade, nacionalismo cultural e interesse pelo popular, evidenciando como mudanças políticas e sociais alteram as formas de representação. O passado passa a ser lido não como patrimônio imutável, mas como matéria de interpretação do presente.

Na segunda metade do século XIX, o Realismo e o Naturalismo deslocam o foco para a crítica das instituições, dos costumes e das contradições da sociedade burguesa. A Geração de 70, com figuras como Antero de Quental e Eça de Queirós, questiona modelos românticos e reivindica uma literatura mais atenta à realidade social e intelectual europeia. Em Eça, a ironia, a caracterização social e a análise crítica da família, da religião, da política e da vida urbana renovam o romance português. A modernização econômica, o crescimento das cidades e os debates ideológicos do período influenciam diretamente temas, técnicas narrativas e perspectivas críticas.

Na passagem para o século XX, a literatura portuguesa intensifica a experiência da modernidade. Cesário Verde transforma a cidade, o cotidiano e a percepção sensorial em matéria poética, enquanto Camilo Pessanha, associado ao Simbolismo, explora musicalidade, fragmentação e sugestão. Esses autores mostram que a renovação não ocorre apenas pela adoção de novos temas, mas também por mudanças na linguagem e no modo de perceber o sujeito e o mundo. A crise das certezas oitocentistas, a urbanização e o contato com correntes estéticas europeias favorecem formas menos estáveis de representação.

O Modernismo português radicaliza essa ruptura com a publicação da revista Orpheu, em 1915. Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros incorporam experimentação, cosmopolitismo e multiplicidade de perspectivas. Em Pessoa, a heteronímia rompe com a ideia de sujeito poético unitário e permite a coexistência de projetos estéticos distintos. Ao mesmo tempo, sua obra dialoga intensamente com a tradição portuguesa, inclusive com o mito sebastianista e com a memória dos descobrimentos. A modernidade literária, assim, não elimina a tradição, mas a desmonta, recria e submete a novas formas de consciência estética.

A revista Presença e o chamado segundo Modernismo aprofundam a atenção à subjetividade, à autenticidade e à autonomia da criação literária. José Régio representa uma vertente voltada para o conflito interior e para a singularidade do indivíduo. Em seguida, o Neorrealismo reage ao individualismo excessivo e enfatiza problemas sociais, desigualdade, trabalho e condições de vida das classes populares. Autores como Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes escrevem em um contexto marcado pelo Estado Novo, pela censura e por fortes tensões sociais. A literatura assume, então, funções de denúncia, testemunho e intervenção, sem deixar de desenvolver soluções formais próprias.

Outras correntes do século XX, como o Surrealismo e diferentes experiências poéticas, ampliam a diversidade estética. A imaginação, o inconsciente, a associação livre e a recusa de convenções passam a integrar projetos de contestação cultural. Paralelamente, poetas como Sophia de Mello Breyner Andresen articulam clareza formal, reflexão ética, memória clássica e atenção ao mundo contemporâneo, enquanto Herberto Helder promove intensa experimentação da linguagem. Essa pluralidade confirma que a literatura portuguesa moderna não segue uma linha única, mas reúne projetos que dialogam de maneiras distintas com o cânone, com a história e com a experiência presente.

A Revolução de 25 de Abril de 1974, o fim da ditadura e a descolonização produzem mudanças profundas na sociedade portuguesa e repercutem na literatura. Questões de memória, guerra colonial, retorno, identidade, trauma e transformação política ganham centralidade. António Lobo Antunes reelabora a experiência colonial e suas consequências por meio de narrativas fragmentadas e múltiplas vozes. Lídia Jorge também examina memória, sociedade, relações de poder e mudanças decorrentes do período revolucionário e pós-colonial. A literatura passa a revisar criticamente imagens anteriores de império, nação e identidade.

José Saramago exemplifica de modo particularmente expressivo o diálogo entre tradição e contemporaneidade. Seus romances retomam episódios históricos, narrativas religiosas, mitos e referências culturais, mas os submetem a procedimentos de ironia, paródia, reescrita e problematização. Em Memorial do Convento e História do Cerco de Lisboa, por exemplo, a história oficial é confrontada por perspectivas alternativas e pela valorização de sujeitos frequentemente marginalizados. A forma narrativa, marcada por longos períodos, oralidade recriada e peculiar tratamento da pontuação, demonstra que a inovação estética pode surgir da reinterpretação crítica do patrimônio cultural e histórico.

Na contemporaneidade, a literatura portuguesa caracteriza-se pela multiplicidade de vozes, gêneros e experiências. Temas como migração, memória colonial, identidade europeia, desigualdade, gênero,

deslocamento e crise social convivem com a permanência de questões tradicionais ligadas ao território, à língua, ao mar e à memória coletiva. O contato com outras culturas e literaturas amplia os repertórios formais e temáticos, ao mesmo tempo que autores contemporâneos revisitam textos canônicos e episódios históricos. A tradição torna-se, desse modo, um campo de disputa e criação, não um modelo obrigatório a ser simplesmente repetido.

Em síntese, a literatura portuguesa se desenvolve por sucessivas formas de apropriação e transformação de sua própria herança. Do trovadorismo ao Renascimento, do Romantismo ao Realismo, do Modernismo às experiências posteriores à Revolução de 1974, mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais alteram temas, gêneros, linguagens e perspectivas. As leituras historiográficas de Saraiva e Lopes, Carlos Reis e Eduardo Lourenço ajudam a compreender que a identidade literária portuguesa resulta dessa relação dinâmica entre memória e inovação. Assim, a contemporaneidade literária não rompe simplesmente com o passado, mas o relê criticamente, ressignificando tradições e produzindo novas formas de interpretar Portugal e sua experiência histórica.

OBSERVAÇÃO

O presente padrão de resposta possui caráter referencial e orientador, indicando os conteúdos essenciais esperados, sem exigir reprodução literal. Serão admitidas formulações equivalentes, desde que tecnicamente consistentes, pertinentes ao comando da questão, devidamente fundamentadas e compatíveis com os critérios previstos no edital. A correção considerará o conteúdo efetivamente apresentado pelo candidato, sendo aceitas abordagens distintas deste padrão, desde que demonstrem domínio do tema e atendam adequadamente ao enunciado.